

Introdução

Este trabalho se propõe a apresentar os principais elementos da teoria dos afetos de Espinosa, Freud e Winnicott. Com um capítulo dedicado a cada um desses autores, percorreremos suas respectivas teorias em torno do tema dos afetos e da sensorialidade, no intuito de destacar alguns elementos que nos possibilitem pensar uma psicanálise conectada à experiência sensível e afetiva intrínseca ao viver. Da mesma forma, traçamos algumas interlocuções possíveis entre as suas respectivas teorias, assim como marcamos algumas diferenças entre as suas concepções do afeto e do lugar ocupado por este nos processos de subjetivação. Considerando os dois campos distintos do pensamento que este trabalho envolve, a saber, a psicanálise e a filosofia, procuraremos fazer com que as diferenças possam atuar como *intercessores*¹ do pensamento que tentamos aqui empreender sobre a dimensão sensório-afetiva da experiência.

A teoria de Espinosa, filósofo do século XVII, pode parecer inadequada para pensarmos a psicanálise contemporânea, mas, em nossa concepção, a filosofia deste autor, principalmente por se dedicar a construir uma ética ancorada na dimensão afetiva da experiência, pode contribuir com novas formas de pensar o tema dos afetos no campo da psicanálise. O criador da psicanálise nos dá alguns conceitos importantes, como o de *pulsão* e a própria noção de *inconsciente*, para entendermos o lugar que o afeto ocupa no cenário psicanalítico, mas é com as ideias de Winnicott que acreditamos compor mais relações com a teoria dos afetos de Espinosa, porém com o auxílio de novas formas de pensar os próprios conceitos freudianos.

No primeiro capítulo, utilizaremos a principal obra de Spinoza: a “Ética”, pois esta oferece um panorama suficientemente completo de sua teoria dos afetos. Além do texto do próprio Spinoza (1677/2008), utilizaremos como referência essencialmente os comentários de Gilles Deleuze (1997; 1998; 2002; 2005), Laurent Bove (2010) e Marilena Chaui (2003; 2011). Apresentaremos as linhas gerais da ontologia de Espinosa para que se possa compreender como o ser

¹ De acordo com Jorge Vasconcellos (2005), que fala sobre os *intercessores* na obra de Deleuze, “Os intercessores são quaisquer encontros que fazem com que o pensamento saia de sua imobilidade natural, de seu estupor. Sem os intercessores não há criação. Sem eles não há pensamento”.

humano é pensado em sua filosofia, e como ocorrem as relações entre corpo e mente na sua concepção. Para tratar do *afeto* propriamente dito, utilizaremos o conceito de *duração* no intuito de ressaltar o caráter *transitivo* que a dimensão afetiva possui na obra de Espinosa, bem como a necessidade de a mesma configurar uma *experiência vivida*, que é qualitativamente distinta de uma comparação da mente. Assim, também analisaremos as relações entre afeto e pensamento na perspectiva da epistemologia espinosana, que não exclui a dimensão sensível das diversas configurações possíveis do pensar. Porém, para que se entenda o modo de funcionamento do dinamismo afetivo proposto por Espinosa, analisaremos os diversos mecanismos afetivos, incluindo nestes o *conatus*, que também é um modo do pensar. Por fim, com o auxílio de Marilena Chauí, abordaremos as conexões entre *afeto* e *experiência*, que desembocam na construção de uma política afetiva e desejante que aponta para a constituição de um campo comum da experiência.

No segundo capítulo, nos dedicaremos à dimensão afetiva na perspectiva de Freud. Para tal, trataremos primeiramente das relações do criador da psicanálise com o momento histórico em que viveu, pois acreditamos que muitas opções teóricas de Freud em relação ao lugar dos afetos em sua obra têm relação direta com a necessidade de incluir a psicanálise no rol das ciências da época. Entretanto, é através do conceito de pulsão que poderemos abordar o afeto na obra freudiana. Nesse sentido, tomaremos o caminho das modificações que esse conceito sofre ao longo da obra de Freud, para assim analisar o lugar do afeto no seu pensamento. As teorias da angústia também serão analisadas, pois o criador da psicanálise concebe o afeto como uma energia sem representação, fazendo com que a afetividade seja constantemente referida à sua concepção da angústia.

Além dos textos de Freud, principalmente aqueles ligados às teorias pulsionais e às modificações teóricas fundamentais, como o estabelecimento da segunda tópica, utilizaremos como base o livro de André Green – “O Discurso Vivo” (1973/1982) –, já que neste o autor traça um panorama da questão dos afetos na obra de Freud, percorrendo os seus principais escritos sobre o tema. Além do livro de Green, recorreremos com maior frequência, entre outros, aos livros sobre metapsicologia freudiana de Garcia-Roza (2004a; 2004b), a alguns dos comentários de Strachey à Edição Standard Brasileira das obras de Freud e a algumas definições do “Vocabulário da Psicanálise” de Laplanche e Pontalis

(2001). Além destes comentadores mais clássicos da obra freudiana, também contaremos com o auxílio das teorias críticas de Imbasciati (1998) e Martins (2009), que nos ajudarão a trabalhar com novas formas de abordar alguns conceitos freudianos imprescindíveis para a compreensão do lugar que ocupa o afeto em sua obra.

Já, no terceiro capítulo, que será dedicado ao pensamento de Winnicott, trataremos da dimensão afetiva e da sensorialidade presente nos processos de subjetivação, sobretudo por meio das noções winnicottianas de *transicionalidade* e da sua teoria sobre os *processos de desenvolvimento emocional* infantil. O conceito de *self* e a ideia de uma *continuidade no ser* são mais dois elementos importantes para considerarmos a afetividade em Winnicott. Por esse motivo, trataremos dos processos de *integração, personalização e realização*, já que estes são concebidos como descrições de processos de amadurecimento que acontecem no âmbito da criação de um *self* próprio e de uma existência ativa e criativa que é eminentemente sensível e, portanto, corporal, ao mesmo tempo em que envolve o funcionamento conjunto do *psicossoma*. A noção winnicottiana de *transicionalidade* também está intrinsecamente relacionada à dinâmica afetiva nos termos do psicanalista inglês, e, por esse motivo, não se separa da importância que o autor atribui à experiência em sua obra; esta é sempre uma experiência sensível, afetiva e criativa, no sentido do contato corporal e da transitividade própria aos encontros do indivíduo com o ambiente. Além disso, os afetos da *agressividade primária* e do *amor* serão privilegiados no capítulo dedicado a Winnicott, por também estarem relacionados às dinâmicas afetivas que o autor descreve nos processos de desenvolvimento emocional infantil. Além dos textos do próprio Winnicott, utilizaremos principalmente alguns comentários de Abram (2000), Dias (2003), Safra (2005) e Luz (1998), já que consideramos esses autores fundamentais para a compreensão do lugar dos afetos e da sensorialidade na obra do pediatra e psicanalista inglês.

Nas considerações finais, traçaremos alguns planos para uma interlocução possível entre os autores com a intenção de conceber uma “clínica psicanalítica da potência” (Martins, 2009), conectada aos processos sensíveis e afetivos próprios ao viver. Assim, podemos fazer algumas perguntas preliminares: Será que os autores analisados neste trabalho são radicalmente diferentes nas visões de homem que possuem, ou será possível pensarmos em uma ética comum que

caminhe no sentido do aumento da potência e da complexificação do corpo humano por meio dos afetos? A ética de Espinosa poderá ser tratada como um *intercessor* para a psicanálise, já que nos apresenta novas maneiras de ver os afetos e suas manifestações na experiência dos encontros e no pensamento? Podemos criar novas formas de lidar com alguns conceitos freudianos como o de *pulsão* e a sua concepção de *inconsciente*? Quais consequências clínicas podemos inferir da criação desta nova ética para a psicanálise? A abordagem winnicottiana da psicanálise e suas teorias acerca do desenvolvimento emocional humano podem ser úteis para pensarmos uma clínica da potência e da experiência que não precise se destacar do campo da psicanálise para ser positiva? Pretendemos passar por essas questões ao longo deste trabalho, porém, sem a pretensão de exauri-las ou mesmo de respondê-las todas. Acreditamos que este estudo reflita um percurso inicial relativo ao tema dos afetos, por isso muitos desdobramentos ainda podem surgir e muitos deles ainda não poderão ser alcançados, mas esperamos que possam estar presentes ao menos como germe nesta primeira trajetória de pensamento.